



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE LETRAS

**A TRAJETÓRIA DO HERÓI BEAT EM *PIC* - UMA NOVELA DE JACK
KEROUAC**

Flávia Alexandra Radeucker Duarte

Lajeado, dezembro de 2021

Flávia Alexandra Radeucker Duarte

**A TRAJETÓRIA DO HERÓI BEAT EM *PIC* - UMA NOVELA DE JACK
KEROUAC**

Artigo apresentado no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Letras, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Rosiene Almeida Souza Haetinger

Lajeado/RS, dezembro de 2021

Flávia Alexandra Radeucker Duarte

A TRAJETÓRIA DO HERÓI BEAT EM *PIC - UMA NOVELA DE JACK KEROUAC*

A banca examinadora abaixo aprova o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Letras Português/Inglês - Licenciatura, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciada em Letras:

Prof. Dra. Rosiene Almeida Souza
Haetinger - Orientadora
Universidade do Vale do Taquari -
Univates

Prof. Ma. Garine Andrea Keller
Universidade do Vale do Taquari -
Univates

Prof. Dra. Rosane Maria Cardoso
Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Lajeado/RS, dezembro de 2021

A TRAJETÓRIA DO HERÓI BEAT EM *PIC* - UMA NOVELA DE JACK KEROUAC

Flávia Alexandra Radeucker Duarte

Acadêmica em Letras Português/Inglês Licenciatura (Univates)

E-mail: flavia.duarte@universo.univates.br

Rosiene Almeida Souza Haetinger

Doutora em Letras (Univates)

E-mail: rosiene@univates.br

Resumo: Jack Kerouac foi um dos principais expoentes do movimento beatnik, que em meados da década de 1950 desacomodou artistas de diferentes áreas a se distanciar do estilo de vida americano tradicional. Kerouac desde cedo teve contato com grandes nomes da literatura, mas quando se despreendeu de influências materialistas e aventurou-se pelas estradas do país sem um rumo específico compreendeu a essência da ideologia beat que dali em diante passou a narrar em suas produções literárias. E é através do personagem-narrador de *Pic - uma novela* que o autor traduz tal essência, representando o protagonista como um herói beat. O termo herói beat é elaborado a partir da presente pesquisa para denotar as personagens expoentes da literatura beatnik que representam a ideologia desse movimento, pois são elas que partem pelas estradas em longas viagens em busca de liberdade e iluminação interior. Em *Pic*, Kerouac representa a trajetória do herói beat, um marginal santificado, através da vida de uma criança da Carolina do Norte que vai até Nova York junto de seu irmão mais velho em busca de uma nova vida, e sobretudo, da sua liberdade.

Palavras-chave: *Pic*; herói beat; Literatura Beatnik; Jack Kerouac.

1 Considerações iniciais

Ao longo de sua carreira literária, Jack Kerouac produziu obras que representavam suas vivências enquanto figura central do movimento Beatnik, bem como as experiências entre seus amigos no centro urbano de Nova York ou pelas estradas dos Estados Unidos. *On the road* e *Anjos da Desolação*, por exemplo, apresentam relatos de diferentes viagens feitas pelo autor durante a década de 1950. Entretanto, seu livro *Pic - uma novela*, escrito no início de sua carreira e publicado postumamente, em 1971 (dois anos após a morte do escritor), possui aspectos que fogem da criação de personagem padrão de Kerouac: é a partir do olhar de uma criança que parte do interior da Carolina do Norte para as estradas do país junto de seu irmão mais velho que a história é narrada. A liberdade de estar

viajando é um ato essencialmente oriundo da ideologia beatnik e também um aspecto forte na jornada desse herói.

Pictorial Review Jackson - o Pic - expressa o protagonismo intrinsecamente beat ao longo da novela, percorrendo uma trajetória cujas características ainda são pouco analisadas em pesquisas científicas. O estilo literário de Kerouac permite que a sensibilidade da personagem alcance o leitor, de modo que a essência de Pic se torne um reflexo das experiências do próprio autor.

O objetivo central da presente pesquisa é, como mencionado anteriormente, o de investigar como Jack Kerouac desenvolve a trajetória do personagem-narrador da obra *Pic - uma novela* sob a concepção da jornada do herói beat. É importante mencionar que o termo “herói beat” é inédito até o momento, e sua definição torna-se essencial para analisar as obras de Kerouac, uma vez que suas personagens, enquanto representantes das personalidades do movimento beat, possuem características únicas e que correspondem a tal literatura e seu universo. Somado a isso, também são retomados alguns conceitos literários, como o de personagem-narrador, herói e jornada do herói, bem como o de Geração Beat e sua literatura para compreender a linha teórica deste estudo.

Pic - uma novela requer uma análise com foco em seu protagonista, pois trata-se de uma criança de onze anos de idade, negra e nascida na Carolina do Norte, características que fogem do modus operandi literário de Kerouac. A prosódia bop na obra é carregada de marcas de fala coloquial e descrições daquilo que Pic vive ao longo das estradas, transmitindo sensibilidade, e por vezes, espiritualidade. Observar o contexto sócio-histórico no qual a obra foi escrita, em meados da primeira parte da década de 1940, é outro aspecto relevante para a análise da obra, sendo o período no qual o movimento beat ganhava espaço. A jornada de Pic traduz os principais aspectos da vida beat, que percorre o país de cidade em cidade, detendo em si a liberdade de decidir seu destino, assim como descobrir a sua força interior (CHAVES JÚNIOR, 2013).

A análise da construção da trajetória do herói beat ao longo de *Pic* compreende os termos personagem-narrador, herói e jornada do herói conforme preceitos da Teoria Literária, em uma análise qualitativa (BARDIN, 2012; GIL, 2002) a partir de uma pesquisa bibliográfica. Com o estudo dos referenciais teóricos, é elaborada uma nova classificação dentro do campo da Teoria Literária, que engloba

também os estudos sobre a Geração Beat, com foco no narrador-personagem da obra supracitada e que pertence ao movimento literário em questão.

Inicialmente, serão apresentados os conceitos de personagem-narrador, de herói e trajetória do herói elaborados por teóricos da Literatura, a fim de compreender as suas conceitualizações. Em seguida, é elaborada a conceituação de herói beat a partir da compreensão do padrão de personagens centrais de obras oriundas da literatura beat, com foco nas principais obras de Jack Kerouac. A partir da definição do herói beat, é proposta a definição da trajetória do herói beat.

Após a conceituação dos termos que abrangem esta pesquisa, é realizada a análise da trajetória do herói em *Pic - uma novela* a partir dos estudos de Santos e Chauvin (2014), utilizando as nomenclaturas definidas para as etapas da jornada do herói pelos autores. Ao longo da análise das etapas da trajetória, são apresentadas as características referentes à composição literária beat - a prosódia bop, a marginalidade, o distanciamento da sociedade materialista da época e a liberdade.

Ao longo da análise, constata-se que o personagem-narrador enfrenta todas as etapas da sua trajetória para ao final assimilar seus conhecimentos e tornar-se verdadeiramente um herói. Suas motivações são marcadas pelo modo beatnik de viver, uma vez que seu objetivo final (mesmo que inconsciente desse aspecto) é alcançar sua liberdade enquanto viaja de cidade em cidade ao longo de meses. Outro aspecto que constata-se ao longo da trajetória é a presença do mentor (SANTOS; CHAUVIN, 2014), na obra representado pelo irmão mais velho de Pic. A obra também apresenta a prosódia bop através do ritmo narrativo e marcas de fala (que preserva a linguagem simples de Pic e suas longas descrições). Desse modo, a trajetória do herói é essencialmente beat em razão da sua determinação em alcançar sua liberdade através das viagens pelas estradas do país.

2 Aquele que conta a sua história: o personagem-narrador

Conhecer como acontece a construção de uma personagem em obras literárias requer compreender o que isso significa em termos teóricos. Os recursos de construção de personagem, de acordo com Brait (1993), se originam do processo que o escritor utiliza para dar forma ao seu personagem, seja ele oriundo de construções linguísticas ou do reflexo do ser humano. A caracterização de uma personagem se depara diretamente com a questão do narrador, que é aquele que

conduz o leitor através da obra.

Brait (1993) entende que em narrativas em primeira pessoa, como é o caso de *Pic - uma novela*, a personagem está diretamente envolvida com os acontecimentos narrados na história. Os recursos utilizados pelo autor para construir e definir a personagem dão a impressão de vida que chega “diretamente ao leitor através de uma personagem” (BRAIT, 1993, p. 60). Isso se explica pelo fato de que tudo o que ocorre na história é do ponto de vista da personagem, conduzindo o ato de “conhecer-se” e expressar tais conhecimentos, assim como traços e atributos que presentifica o narrador em si e as demais personagens da história.

Ao observar de mais perto os recursos de criação de personagens narradoras, Brait (1993) questiona que se o desenvolvimento de personagens for entendido como uma dificuldade do ser humano (o autor, nesse caso) de conhecer-se e exprimir pensamentos e saberes, pode-se pensar que esse recurso resultará sempre na criação de personagens complexas. Assim como no romance moderno, que a autora cita como exemplo, existe uma preocupação em distanciar-se de delimitações de modelos fixos na construção de seres fictícios como recurso que ajuda a multiplicar a complexidade da personagem e da escritura que lhe dá existência. Entretanto, é necessário compreender que a construção de personagens mais densas vai depender “da perícia do escritor, de sua capacidade de selecionar e combinar os elementos que participam da arquitetura da personagem” (BRAIT, 1993, p. 61).

No que tange à apresentação da personagem por ela mesma ao longo da obra, como também é visto em *Pic*, o discurso procurará presentificar a personagem, de forma que expõe sua interioridade e diminui a distância entre o “escrito” e o “vivido” (BRAIT, 1993). É através de cada página da obra que será exposta a existência da personagem nos momentos decisivos de sua trajetória. O monólogo interior, como veremos no caso da obra *Pic - uma novela*, é um recurso que “vai mais longe na tentativa de expressão da interioridade da personagem”, pois “o leitor se instala, por assim dizer, no fluir dos ‘pensamentos’ do ser fictício, no fluir de sua ‘consciência’” (BRAIT, 1993, p. 62).

A técnica desenvolvida em monólogos de reminiscência e antecipação possibilita, segundo Brait (1993), a apreensão da interioridade da personagem, de

forma que expõe a maneira como a consciência percebe o mundo. As passagens de impressões sensoriais e os ritos de identificação do personagem-narrador são desenvolvidos de modo que revele os níveis da vida mental que são, segundo a autora, dificilmente explorados ou apreensíveis por outros meios. Dessa forma, a interioridade da personagem ocorre de forma complexa, permitindo que o leitor se aproxime dos testemunhos da personagem de modo mais sensível.

O poder de caracterização dos grandes nomes da literatura nos permitiram, e vem permitindo, que nos chegue personagens cuja existência aponte para uma escritura que cria e impõe os seus próprios movimentos, espelhando os secretos movimentos da realidade (BRAIT, 1993). Tal poder de caracterização está conectado diretamente na articulação verbal do autor, que demonstrará nela a sua sensibilidade e capacidade de ver o mundo e seus movimentos. A composição das personagens permite inúmeras leituras, uma vez que depende da perspectiva assumida pelo receptor, o que não significa que “a dimensão da personagem seja ditada unicamente pela capacidade de análise e interpretação do leitor”, mas sim que “os índices fornecidos pelo texto e pela sua legibilidade através de diversos métodos” para compreendermos a personagem e seu papel ao longo da obra (BRAIT, 1993, p. 67).

Brait (1993) complementa o que Flávio Kothe (1987) explica sobre as funções desempenhadas pelo personagem no sentido de agentes da ação. Explica que em cada trecho da história tal personagem desenvolve seu jogo de forças opostas ou convergentes, representando uma situação conflitual em que “as personagens perseguem-se, aliam-se ou conflituam-se”. Brait (1993) complementa explicando que o agente da ação pode ser definido em seis categorias diferentes, mas que nem sempre correspondem a uma só personagem, dentre eles o condutor da ação, oponente, adjuvante e árbitro.

A autora menciona que apesar de haver diferentes tipos de personagens, nenhum romance ou obra de ficção pode ser confundida com uma biografia, ou mesmo uma autobiografia. Será considerada como tal quando “ganhar total autonomia com relação ao seu autor” (BRAIT, 1993, p. 51). Dessa forma, quando encaramos o personagem como um ser fictício, com forma própria de existir, os autores acabam por situar a personagem dentro da especificidade do texto, considerando a sua complexidade e o alcance dos métodos utilizados pelo autor

para apreendê-la.

As escolhas do autor possibilitam a existência de sua criação, sejam elas através de discurso direto, indireto ou indireto livre, diálogos e monólogos, descrição minuciosa ou sintética dos fatos (BRAIT, 1993). Tais escolhas moldam o discurso, constroem tais criaturas, e “fogem ao seu domínio e permanecem no mundo das palavras à mercê dos delírios que esse discurso possibilita aos incontáveis receptores” (BRAIT, 1993, p. 67).

A construção das personagens, dessa forma, obedecerá às leis que estão presentes no texto, em cujo processo de construção pode-se observar as “linhas mestras que deflagram esse processo no conjunto da obra do autor” (BRAIT, 1993, p. 68). A apreensão é regida, segundo a autora, pelos instrumentos fornecidos pela análise, pela perspectiva crítica e pelas teorias utilizadas pelo analista.

Observar a construção de uma personagem implica em recorrer a instrumentos da estilística, do estruturalismo, ou qualquer outro referencial teórico. Todavia, Brait (1993) alerta para o fato de que é preciso estarmos atentos para o caráter parcial nas perspectivas que contribuem para a leitura da construção de personagens. É necessário estar atento ao correr o risco de reduzir o trabalho do escritor e a sua dimensão aos grilhões teóricos para o seu objeto de análise.

3 A reminiscência do herói

O conceito de herói estudado pela teoria literária é analisado por diversos autores que propõem elaborar uma definição que resume seu significado. Um dos principais teóricos que pesquisou a esse respeito é Massaud Moisés, que em seu *Dicionário de termos literários* (1992) define o herói como o protagonista, ou o personagem principal de uma obra, variando seu papel conforme o gênero literário.

Em continuidade da exposição sobre a narrativa e o personagem-narrador, Flávio Kothe (1987) explica que toda obra literária é mais que apenas um texto, uma vez que implica sempre a figura do leitor, podendo alterar a relação entre o que o texto intenciona e o que foi efetivamente captado pelo leitor. Trata-se de uma convicção em torno da estrutura, valores e caminhos da sociedade. O estudo do herói, segundo o autor, é um “modo estratégico de estudar a dominante das narrativas, literárias e não-literárias, artísticas e triviais, pois possibilita superar a

contradição entre a análise formal e a sociológica, imanente e extrínseca da obra. Os diversos tipos de herói e o papel que lhes cabe são uma maneira de dialogar perante o desafio da contradição de forças sociais, tangentes a nível de produção, de circulação e consumo de obras (KOTHE, 1987).

Ao refletir sobre categorias teóricas para entender o herói ao longo das histórias no que diz respeito ao significado de seu aperfeiçoamento (sobre como atinge o público leitor), Kothe (1987) explica que, se a parte mais elevada da literatura se destina à classe alta enquanto que a parte trivial vai para a classe baixa, então, de certo modo, a literatura desempenha um “papel de legitimar a estrutura social vigente” (KOTHE, 1987, p. 86). O fato de apresentar um herói de classe social baixa é um dos principais aspectos observados ao longo da obra *Pic - uma novela* e será comentado com mais aprofundamento nas etapas seguintes desta pesquisa.

Kothe (1987) também observa que as narrativas são “sistemas cujas dominantes têm sido algum tipo de herói” (KOTHE, 1987, p. 7), complementando que um sistema refere-se a um conjunto de elementos coerentes entre si e também distintos de seu meio. Sendo assim, a dominante nas obras trata-se do “contexto textualizado de modo partidário ou totalizador para persuadir segundo a diretriz semântica traçada pela orientação de sua estrutura profunda” (KOTHE, 1987, p. 7).

Segundo Kothe (1987, p. 7), trata-se de uma diretriz política do sistema, um fio condutor sobre aquilo que vai ser desenvolvido, “a instância que decide o que nele cabe e o que não cabe”. Em outras palavras, é a essência enquanto vontade de poder. O autor destaca que “enquanto dominante, o herói é, portanto, estratégico para decifrar o texto como contexto estruturado verbalmente” (KOTHE, 1987, p. 8). Uma vez que as obras literárias representam “sistemas sociais em miniatura”, o herói é a dominante que ilumina, de forma estratégica, a identidade de tal sistema.

É importante compreender que “nenhuma obra literária consegue ser a totalidade”, mas que a representação do percurso do herói “pelo alto e baixo pode ser um índice da totalização indicada” (KOTHE, 1987, p. 8). Como exemplo, o autor explica que as obras literárias clássicas sugerem a totalidade, enquanto as obras triviais escapam dessa característica, pois acabam não captando “a natureza do fragmento de realidade para o qual se voltam” (KOTHE, 1987, p. 8).

A trajetória do herói ao longo da literatura, de acordo com Kothe (1987, p.

88), mostra uma tendência de inversão quanto à posição clássica de “apenas admitir, como heróis elevados, personagens de extração social alta”. Através do processo de industrialização e a decorrente organização do proletariado, segundo o autor, os heróis passaram a refletir a figura daquele que antes não recebia destaque. Por exemplo, figuras como o anti-herói épico antes podiam eventualmente tornar-se o centro da atenção literária para serem ainda mais rebaixados, o que então passa a modificar-se em determinados períodos literários.

Sobre o percurso do herói moderno, Kothe (1987) entende que se caracteriza como uma reversão do percurso do herói antigo. Antigamente se “colocava a questão do percurso individual ou grupal entre o alto e o baixo da sociedade” (KOTHE, 1987, p. 65). Em contrapartida, passa-se a compreender que “na modernidade o herói passa a ser o próprio questionamento da estruturação social em classe alta e baixa” (KOTHE, 1987, p. 65), fato advindo do processo de industrialização da sociedade, como mencionado anteriormente.

Weirich (*apud* KOTHE, 1987, p. 61) explica que, para serem consideradas artisticamente superiores, as obras literárias modernas precisam ter como que “uma proibição de heróis positivos e de felicidade”, com raras exceções. Tal definição é um ponto delicado de todas as estéticas literárias, pois compreende-se que passam a comportar uma certa reversão, uma vez que dizem respeito ao estético enquanto legitimação de poder. Dessa forma, a trajetória do herói moderno é a reversão do percurso do herói antigo, pois “a evolução da sociedade [em geral] permite um certo afloramento do seu bloco popular em uma percepção mais clara do horizonte dos autores do passado” (KOTHE, 1987, p. 67).

Sendo assim, compreende-se que tais aspectos não significam, como explica Kothe (1987), uma diminuição do valor dos autores ou de suas obras, mas sim reconhece-se, dentro de uma perspectiva do campo científico, “o horizonte que neles efetivamente se configuram” (KOTHE, 1987, p. 67). Ou seja, apesar de os personagens serem oriundos de classes mais baixas, isso torna-se um dos principais aspectos para a sua grandeza ao longo da obra literária, em razão do percurso que precisa enfrentar. Como será analisado com mais aprofundamento posteriormente, a literatura beatnik é permeada de heróis baixos e proletários, nos termos de Kothe (1987), e também marginais (BRUNIERI; ANDRÉ, 2015), e tal característica é um dos principais aspectos que promovem a grandeza de suas

trajetórias.

3.1 Adentrando a jornada do herói

Segundo Santos e Chauvin (2014), temos figuras arquetípicas clássicas na jornada do herói, que geralmente estão acompanhadas de um mentor, de guardiões do limiar, de anima e sombra. Nesta pesquisa, o foco principal será o herói e a sua jornada, e eventualmente o seu mentor, em razão dos aspectos da obra, não adentrando em detalhes das demais figuras arquetípicas presentes.

O herói é o arquétipo principal da obra, e o termo origina-se de *heros*, designação grega dada aos semideuses (filhos de deuses com humanos) (CAMPBELL, 2007; VLOGGER, 2011 *apud* SANTOS; CHAUVIN, 2014). Lutam por seus ideais ou de seu grupo, não importando se seus atos estão a favor das leis dos homens. O herói “carrega dentro de si o dom da transformação” (SANTOS; CHAUVIN, 2014, p. 84), como os autores pontuam, mas que não é obrigatoriedade tal característica ser desenvolvida ao longo da obra.

Tudo se inicia, conforme Santos e Chauvin (2014, p. 86) explicam, com o herói em seu mundo comum, inserido na sua rotina, entendendo-se que ainda não é um herói, “tem apenas potencial para ser um”. Dessa forma, o que o levará a se tornar um herói são suas atitudes no decorrer da jornada, somadas ao convite do arauto (que, segundo Santos e Chauvin (2014), tem a função de anunciar para o herói a aventura que virá). Quando aceita o convite, o destino trará auxiliares para partilhar as primeiras dificuldades da sua aventura, ou seja, recebendo a ajuda de um mentor (segundo os autores, é um “guia” para o herói, geralmente possui o estereótipo de um ancião). O mentor do herói o orienta ou o acompanha ao longo da jornada, como auxílio para superar os obstáculos que terá de enfrentar.

Tipicamente, o primeiro limiar e seu guardião, que segundo Santos e Chauvin (2014), possui o intuito de testar a determinação do herói, através de obstáculos em diversas formas, aparecem na sequência, desafiando o herói para prosseguir sua jornada. Após superar tais obstáculos, precisará, segundo os autores, enfrentar o principal desafio, que trata-se de sua sombra (“um aspecto não iluminado de algo”, que quanto menos o herói conhece, maior sua força). Superada a etapa, receberá uma recompensa, que varia conforme a busca do herói ao longo da história, como

reconhecimento ou salvação. Entretanto, ao chegar nesta etapa, sua jornada está apenas na metade.

Segundo os autores, para ser um verdadeiro herói, ele precisa compartilhar o seu prêmio entre aqueles que “não puderam viver uma experiência semelhante à que está vivendo” (SANTOS; CHAUVIN, 2014, p. 24). Ademais, o herói também poderá acabar sofrendo um sacrifício, ou alguém próximo poderá sofrer. O sacrifício pode ser simbólico ou literal, geralmente sendo perdas, que representarão o seu verdadeiro aprendizado, demonstrando que agora o herói é capaz de assimilar seus conhecimentos e seguir em frente (SANTOS; CHAUVIN, 2014).

4 Geração Beat e a literatura

Santos (2003) explica que, de acordo com a *mimêsis*, o valor artístico, em geral, não diz respeito diretamente sobre sua função representativa, mas provém da dimensão experimental, ou “experencial”. Segundo Aristóteles, a arte amplia a experiência humana, ao mesmo tempo que o processo de conhecimento provém “relevantemente da sensibilidade”. Dessa forma, para Santos (2003), na Geração Beat o experimental “assume a ideia de modernidade e vanguarda”, propondo uma transformação radical de conceitos e valores vigentes, tendo em vista a necessária articulação entre “comportamento, experimentação formal e crítica” (SANTOS, 2003, p. 2).

A liberdade formal da literatura beat corresponde, segundo Santos (2003, p. 2), a um modo de vida “que desprezava as convenções sociais e afirmava o direito de experimentar”. A prática literária beat provém da realidade concreta do indivíduo, conforme o autor explica, e prescinde de “armadura ideológica para apenas dar voz aos ritmos primordiais da própria estranheza de quem se põe a escrever” (SANTOS, 2003, p. 1).

Instaurada a Modernidade, Santos (2003) explica que os artistas dedicados à produção original e inovadora procuravam não cair em um vazio da beleza abstrata e indefinível, mas sim elaborar arte crítica e correspondente ao seu tempo, que fosse capaz de acompanhar as transformações históricas contínuas que caracterizam essa modernidade. Em outras palavras, cada tempo tem o seu porte, seu olhar e seu gesto. E dessa forma, a Geração Beat é visionária, pois eram

“observadores apaixonados, que fixaram residência no movimento, no fugidio e no infinito” (SANTOS, 2003, p. 2).

Os beats, conforme o autor explica, partiram com suas mochilas nas costas, seguindo apenas a intuição, porque afinal “sempre há algo por aí, depois do horizonte, ou dentro de nós, que não podemos conhecer enquanto vivemos” (SANTOS, 2003, p. 2). Os autores e demais artistas pertencentes à Geração Beat confirmavam à sua maneira tudo aquilo que experienciaram, que encontraram pelo caminho, “sempre experimentando e desafiando limites” (SANTOS, 2003, p. 2).

Royot (2009) também comenta sobre a forma que o modo de vida e busca ao interior de si influenciaram a escrita dos autores beatniks, compreendendo que “pretendiam reacender a chama vacilante de uma cultura desumanizada pelo materialismo da sociedade da opulência” (ROYOT, 2009, p. 88). Ao citar o itinerário picaresco da obra mais conhecida de Kerouac, *On the road*, explica como a ruptura do escritor e da sociedade é uma escolha no ambiente de beatniks em desarmonia. Como explica o autor, *On the road* descreve que a longa viagem de Kerouac “o faz descobrir uma natureza selvagem, geradora de uma força interior, na qual o silêncio e a solidão produzem o sentimento do sagrado” (ROYOT, 2009, p. 88).

As experimentações dos autores beats, como afirma Santos (2003), eram ousadas e intensamente vividas. Há coerência entre a sua produção literária e tudo o que viveram, pois narram suas vidas através de suas obras. A “prática intelectual é coerente com sua opção existencial”, o que lhes confere maior liberdade e autonomia crítica, para que pudessem interferir artisticamente na sociedade de sua época (SANTOS, 2003, p. 3). Ao mesmo tempo, os críticos de grandes revistas e jornais foram incapazes de entender “as transgressões enquanto atitudes legitimamente literárias” (WILLER, 1984, p. 29-30 *apud* SANTOS, 2003, p. 3). Entretanto, segundo Santos (2003), tal incompreensão em algum momento ocorre com artistas visionários por não terem sua genialidade reconhecida, assimilando a eles apenas a fama de “malditos”, o que de fato foi assimilado aos beatniks.

O autor explica que

A liberdade de experimentação formal na literatura beat é o reflexo da busca de liberdade de pensamento e comportamento que esses escritores empreenderam em suas vidas. Inconformados com o insustentável estilo de

vida americano, fizeram por criticar os padrões morais e a racionalidade da vida pré-estabelecida. Libertaram seus instintos dionisíacos e instigaram as outras pessoas a fazerem o mesmo, causando enorme impacto social, repercutiu nas décadas seguintes com os movimentos sociais da juventude (SANTOS, 2003, p. 12).

E para dar vazão ao fluxo de ideias, delírios e poesias, os beatniks encontraram pontes que ligavam a vida e a arte, e uma delas, como afirma Santos (2003), é o Bebop. A prosódia bop, inspirada pelo ritmo jazz Bebop da década de 1940 e 1950, é considerada uma solução estética para “a reprodução do ritmo contínuo do jazz em frases de palavras”, que acorrentadas em longos versos, carregam “boa parte do seu significado no nível de sensibilidade auditiva” (SANTOS, 2003, p. 13). A entonação e o andamento são de extrema importância para a percepção dessa prosódia, de modo que nos permite reviver o sentimento contido na forma.

A natureza espontânea, como defende Santos (2003), é o indício das origens de uma concepção de arte pós-moderna, através da qual o autor busca a sua emancipação expressiva e reduz o que se considera a comunicação racional (ou seja, verbalizações ou referências visuais precisas). Entende-se que o autor passa a compor formas subjetivas inéditas, com o intuito de expressar emoções que antes estavam sufocadas pelas convenções dominantes, exatamente como ocorria em sessões de jazz improvisado que preenchia o ambiente frequentado por artistas e autores beatniks também.

4.1 Essências literárias beat

Para compreendermos melhor como Jack Kerouac articula seu processo de escrita, uma importante fonte de informação são seus relatos pessoais, presentes ao longo da primeira parte de *Os diários de Jack Kerouac* (BRINKLEY, 2006). Nesta obra é possível conhecer de perto o processo que Kerouac perpassou para escrever, que contava com rituais e contagens incansáveis de palavras escritas em um curto período de tempo, por exemplo. Entretanto, são as experiências de vida também descritas em seus diários e o impacto delas que influenciaram diretamente a composição de seus textos, bem como as conversas que teve com seus amigos e

companheiros de viagem.

A produção literária de Kerouac foi inspirada tanto pelos grandes autores de aventura aos quais se dedicava a ler intensamente, como Jack London e Mark Twain, quanto pelas suas próprias experiências. Cada um de seus livros possui uma vasta significação, principalmente por essas duas razões citadas. Em *Pic - uma novela* (2017), Kerouac escreve de um modo muito diferente de como costumava fazer, com uma sensibilidade singular. É coerente a compreensão de que o ícone beat foi aprimorando sua escrita através do tempo, encarando e percorrendo sua vida através da literatura e cultura beatnik.

Como citado anteriormente, a literatura beat foi fortemente influenciada pelo jazz: a experimentação e o improviso marcam a sonoridade das obras, que somados ao fluxo de consciência culminaram em uma prosa que quebrava os padrões da época. Conforme explica Santos (2003), a liberdade formal da literatura beat está intrinsecamente emaranhada a um modo de vida que desprezava “as convenções sociais e afirmava o direito de experimentar” (SANTOS, 2003, p. 2). Outro aspecto importante que compõe a essência da literatura beat é entendido como “um reflexo das experimentações no plano da vida” (SANTOS, 2003, p. 2), ou seja, as relações com o mundo, as mudanças de perspectiva e compreensão, que segundo Santos (2003), resultam em uma nova forma de expressão.

Geração Beat (2013), uma peça de teatro escrita por Jack Kerouac, leva em uma edição recente o texto de introdução da autora norte-americana A. M. Homes, no qual contextualiza o cenário em que se reúnem as principais figuras que protagonizaram esse movimento cultural. O cenário do pós-guerra e a corrida espacial pairava nos Estados Unidos como uma constante, e a cultura urbana enfrenta modificações em toda forma de expressão: cinema, música, literatura, e diversos outros. E enquanto manifestações sociais aconteciam o tempo todo, um grupo se destaca em meio a essa confusão: “Kerouac e sua gangue de escribas só queriam saber de abraçar e celebrar a vida *beat*” (HOMES, 2013, p. 5, grifos do autor).

O termo beatnik, ou simplesmente “beat”, remete a diferentes origens, e uma delas é encontrada no texto de introdução da obra *Os diários de Jack Kerouac* (2006), elaborado por Douglas Brinkley:

Da infância até a morte, Kerouac escreveu cartas a Deus, orações a Jesus, poemas de São Paulo e salmos por sua própria salvação. Na verdade, descobriu seu próprio significado para o termo *beat* durante uma tarde chuvosa enquanto rezava diante de uma estátua da Virgem Maria na Catedral de Santa Joana D'Arc, o que disparou uma visão lacrimosa. Como descreveu Kerouac, 'eu ouvi o silêncio sagrado na igreja (era o único ali, eram 5h da tarde, os cães latiam lá fora, crianças gritavam, as folhas de outono e as velas tremeluziam sozinhas só para mim), a visão da palavra *beat* com o significado de 'beatífico' (BRINKLEY, 2006, p. 19, grifos do autor).

Outra versão do significado do termo *beat* remete à primeira vez que aparece em seus diários, mais precisamente no dia três de julho de 1948, um sábado, no momento em que caracteriza Herbert "Hunkey" Huncke, um amigo que conheceu na universidade de Columbia (em Nova York) e integrante do grupo de escritores da cena beatnik, em uma tentativa de elaborar uma conotação sobre a sua figura.

[...] o quão estranho será que Hunkey pode ficar? Ele me assusta porque já foi o mais *miserável* dos homens, preso & espancado e enganado e doente e faminto e sem teto, e mesmo assim ele sabe que ainda existe uma coisa como o amor, e minha estupidez... e o que mais há na sabedoria de Hunkey? O que ele deve saber que o faz tão humano depois de *tudo* o que ele *aprendeu*? - acho que, se eu fosse Hunkey, agora estaria morto, alguém teria me matado há muito tempo. Mas ele ainda está vivo, e estranho, e sábio, e *beat* (BRINKLEY, 2006, p. 120, grifos do autor).

Santos (2003, p. 2) destaca que os escritores beats questionavam a legitimidade de toda autoridade instruída, assim como os intelectuais defensores "de uma teoria literária sistemática e canônica". A desobediência no modo de vida e de escrita pretendia combater o que entendemos como "cânone" e "tradição" literária, pois queriam romper com tal determinação do que é (ou seria) considerado como "arte verdadeira" (SANTOS, 2003, p. 2). Enfrentaram "a insolente censura moral da América que sempre proclamou [...] a liberdade" mas que em termos práticos "sempre puniu com leis rigorosas os 'estranhos bêbados vanguardistas'" (SANTOS,

2003, p. 2).

Na época em que *On the road* foi lançado, Kerouac não era como o conhecemos hoje, e de acordo com o que Homes (2013, p. 6 *apud* KEROUAC, 2013, p. 6) comenta, nesse período ele ainda usufruía de certo anonimato, o que lhe permitia viver e escrever “em sua versão mais pura”, sem a pressão à que um ícone literário costuma enfrentar. Assim como os demais companheiros de aventuras, a vida era vivida no limite:

Os *beats* nada tinham a perder, nem podiam cair de muito alto. Homens sagrados, pensadores, antimaterialistas, eram exatamente o oposto dos ‘homens da caverna’. Kerouac e sua fraternidade experimental aspiravam algo mais — uma espécie de liberdade. Eles queriam levitar, voar, se mover sem amarras no tempo e no espaço. Queriam encontrar a espiritualidade e a entrega entre os socialmente desajustados. E queriam se divertir [...]. Comparados aos rapazes comuns, eram uns selvagens — espantosos e ameaçadores (KEROUAC, 2013, p. 6, grifos do autor).

Homes (2013, p. 6) ainda retoma que o estilo de Kerouac não se sustentava apenas filosoficamente: era uma “guerrilha linguística” que atingia tudo o que estava ao seu redor. A autora cita que a peça *Geração Beat* é “um romance da estrada, do renascimento e do carma”, e tais características se aplicam perfeitamente às demais obras de Kerouac, bem como em *Pic - uma novela*, que será analisada nas etapas posteriores desta pesquisa.

É também importante mencionar que, enquanto figura central da literatura beat, assim como Homes (2013, p. 9) comenta, que Kerouac “permitia a escritores adentrar no mundo da fluidez - diferente do fluxo de consciência”. Inspirava, e vem inspirando desde então, que se abrace a experiência, assim como não resistir a ela, como forma de se constituir parte vital de sua própria escrita.

Em uma nota transcrita de seu diário do dia dezoito de junho de 1947, Kerouac reflete sobre a sua necessidade de escrever, mais precisamente sobre como acredita que a inconsciência guia um grande escritor. Nela também diz que “queria poder escrever do ponto de vista de um herói em vez de dar a todos na história seu valor merecido” (BRINKLEY, 2006, p. 44). Este registro feito uma década antes de lançar suas principais obras tem relação com o ato de dar vida a esses heróis oriundos de sua escrita (os heróis beats), que condiz com a originalidade que

Kerouac desenvolveu e transpôs tão unicamente, principalmente na obra que está sendo analisada nesta pesquisa.

5 O herói beat e sua jornada

A presente pesquisa analisa *Pic - uma novela*, obra carregada de passagens simbólicas que apresentam aspectos das jornadas vividas pelo próprio autor, retomando experiências passadas como um viajante incansável, fato que permite transpor suas memórias. A jornada do herói construída por Kerouac em *Pic* é analisada com um outro olhar ao longo desta pesquisa, com o propósito de compreendê-la como a jornada do herói beat, termo que pretende ser delineado nas etapas seguintes desta pesquisa, mas que é importante já mencionar antecipadamente, visto que pretende-se estruturar tal conceito a partir deste estudo.

Eis, novamente, o motivo de retomarmos a conceituação de personagem-narrador, de herói e jornada do herói a partir dos teóricos supracitados, entendidos como ponto de partida para a estruturação desse novo conceito, cuja necessidade de elaborá-lo surge da ampliação de estudos sobre a literatura beatnik e suas características particulares. Sendo assim, é importante retomar que o termo herói beat para a análise literária das obras beatniks é inédito até o momento, e possui como um dos seus principais intuitos ampliar e orientar, ousa-se dizer, futuros estudos das obras produzidas pelos autores beatniks.

As personagens das obras escritas por Jack Kerouac vivenciam histórias que seguem uma trajetória padrão: é através de viagens percorridas pelas estradas do país ou indo até espaços isolados da civilização que se encontram consigo mesmas. Como já citado anteriormente, os beatniks eram vistos como “vagabundos” e “marginais”, mas o fato de não estarem apegados ao materialismo vivido na época (“o sonho americano”) permitia que sua liberdade contivesse uma significação maior. Os heróis beats eram “santificados” pois compreendiam que era através da experiência na estrada que a sua liberdade era alcançada, e só assim compreendiam a sua própria essência.

Brunieri e André (2015) discutem sobre a marginalidade santificada dos beatniks ao afirmar que Kerouac incorporou sua misticidade e liberdade a partir do contato com as estradas, sendo assim, a única liberdade verdadeira para ele, “a de um Vagabundo Iluminado” (BRUNIERI; ANDRÉ, 2015, p. 485). Assim como os

personagens de suas obras, principalmente o caso de *Pic*, a rebeldia mística dos beatniks deu acesso aos saberes que tornaram a sua marginalidade santa. Para os autores trata-se de um ato de transgressão, pois “toda construção do marginal possui laços místicos, uma busca espiritual” (BRUNIERI; ANDRÉ, 2015, p. 485), aspecto que contribui para o delineamento do herói beat.

Alguns exemplos de trajetória com esse propósito são as obras citadas anteriormente, *On the road* e *Anjos da Desolação*, nos quais conhecemos os caminhos percorridos pelos heróis em busca de um certo tipo de “resposta interior”, em períodos que precisavam se desacomodar através de novos caminhos para encontrar uma “iluminação”. A trajetória percorrida pelos heróis beats segue o mesmo arco definido por Santos e Chauvin (2014), mas a densidade simbólica de cada etapa possui características próprias na literatura beat, como estará sendo analisado em *Pic - uma novela*.

5.1 A jornada de Pic

Pic - uma novela retrata a história de Pictorial Review Jackson, uma criança humilde que parte da Carolina do Norte junto de seu irmão mais velho, Slim, rumo ao norte dos Estados Unidos para viverem livres e unidos. Após a morte de seu avô, Pic se encontra diante de uma série de dificuldades para superar e ir embora para um lugar melhor. A obra foi um dos primeiros escritos de Kerouac, que no início da juventude ainda estava moldando seu estilo literário, porém já apresenta a sua principal marca: o herói beat que percorre as estradas do Estados Unidos em busca do seu principal objetivo, a liberdade.

Para proporcionar uma maior aproximação do mundo em que Pic vive com os leitores, Kerouac transcreve os pensamentos de seu personagem, de modo que a simplicidade na fala do menino ganha mais evidência. Dessa forma, ter a história narrada a partir das suas impressões nos permite compreendê-lo melhor, em diferentes esferas, como a sentimental. Por ter vivido até o momento em uma cidade do interior, sua linguagem é carregada de expressões que extrapolam a norma culta da língua, permitindo que possamos saber exatamente o que Pic estava pensando ao longo da sua trajetória e como ele fala.

Como forma de deixar o leitor mais ciente dos pensamentos de Pic, Kerouac desenvolve a narrativa como se o personagem estivesse contando tudo ao seu avô,

uma vez que tinha grande prestígio por ele, e é como uma forma de mantê-lo à par de tudo o que vive mesmo após sua partida. Tal aspecto sobre o monólogo é compreendido pelo fato de Kerouac criar suas obras em referência ao mundo da fluidez, e não do fluxo de consciência, como mencionado anteriormente.

A obra inicia com Pic vivendo um cotidiano muito humilde na casa de seu avô, em uma cidade no interior da Carolina do Norte, que costumava contar histórias sobre a mãe de Pic, falecida quando ainda era recém nascido. Apesar de terem uma vida muito simples e retirada, o menino sentia-se feliz em seu mundo. Pic narra suas impressões sobre a vida e o lugar onde mora, descrevendo os detalhes da noite com um olhar atento e imaginativo, bem como aquilo que imagina ser a cidade grande, mesmo que ainda distante:

Toda noite todo mundo dorme nessa casa e naquela casa e em tudo quanto é casa, e a única coisa que se ouve é uma velha coruja - u-ú! u-ú! - no bosque, e iéc! iéc! iéc” todos os morcego, e os cachorro uivando, e os grilo cantando no escuro. E depois tem o tchu-tchu da CIDADE, cês tudo sacomé. A única coisa que não dá pra ovi é a aranha afiando a teia. Eu entro no cortiço e rasgo uma teia - mas depois que eu limpo a mão a velha aranha faz outra pra mim. Lá no alto do céu tem umas cem estrela em movimento e aqui no chão parece parece que tá úmido, como se tivesse pra chovê. Eu vô pra cama e o meu vô diz, “Garoto, não vem com esses pé grande e molhado pro meu lado!” mas em poco tempo os meus pé tão seco e eu me aconcheço nas coberta. Cês tudo pode imaginá como que eu fiquei feliz? (KEROUAC, 2017, p. 11, grifos do autor).

Esta parte inicial da obra representa o herói vivendo em seu mundo comum, como define Santos e Chauvin (2014). Pic vive com estabilidade dentro de seu contexto real, não necessitando agir contra ou a favor de nada até esse momento. Como os autores explicam, o personagem possui apenas o potencial para se tornar um herói, e não o desenvolve antecipadamente, como é visto no primeiro capítulo da obra.

Entretanto, a estabilidade em seu mundo é afetada logo na sequência: em razão da idade avançada, seu avô está com problemas de saúde graves e precisa ser hospitalizado. Quem assume a responsabilidade de Pic nesse momento é a tia Gastonia, que o leva para morar em sua casa, que é cheia de outras crianças, junto de seu marido e também do seu avô Jelkey, um homem velho de aparência

assombrosa que assusta os menores os agarrando pelos braços e os amaldiçoando. Sozinho ali, Pic chora todos os dias, e mesmo com a companhia de alguns primos, não se sente acolhido.

Após alguns poucos dias morando na casa da sua tia, aparece o que Santos e Chauvin (2014) denominam de arauto, que vem através do seu mentor. Como citado pelos autores, o arauto é a situação que evoca o herói para agir e iniciar sua aventura, e o mentor será o seu guia, auxiliando ao longo da sua jornada. Ao irmão mais velho de Pic, chamado Slim, é atribuído o papel de mentor. O momento em que Slim chega à casa da tia Gastonia e diz que irá levar Pic para morar com ele e a esposa em Nova York representa o arauto da história. Essa decisão de Slim se deu após receber a notícia sobre a hospitalização do avô do menino.

Numa manhã de sábado eu tava na cama e O O P A! de repente todo mundo começô a falá e a gritá do lado de fora da casa num volume tão alto que eu tentei vê e espichei a cabeça mas não consegui vê nada. Todo mundo foi até a varanda. Bom, eu botei a cabeça de volta para dendo quarto porque eu tava doente. Bom, quem cês acho que entrô pela porta, com todas criança sorrindo atrás? (KEROUAC, 2017, p. 25).

Como apresentado no trecho citado, a chegada de Slim acaba causando muitas agitações: tia Gastonia não aceita que leve o menino, e o médico que atendeu o avô de Pic, presente na ocasião, sugere que o deixem em algum orfanato, longe dali, para que seja cuidado com mais atenção, contrariando tanto a decisão de Slim, quanto o desejo do próprio Pic. À luz do dia, Slim é expulso da casa e proibido de retornar ali, pois não possui uma boa reputação, uma vez que seu pai também abandonou a família indo embora para outra cidade há anos atrás. Entretanto, naquela mesma noite, enquanto Pic tentava dormir na cama que dividia com seus primos, Slim retorna e o convoca para partirem rumo ao norte do país.

E aí eu ouvi o meu priminho Willis que tava dormindo no lado da janela dizê, 'Quem tá aí?' e eu ovi, bem baixinho, um 'Psst' e olhei. Urruuuu, era o meu irmão na janela, e eu e o Willis passamo por cima do piqueno Henry, e colocamo os nosso nariz contra a tela. 'Foi o home que fez a dança!', o piqueno Willis disse, e ele disse 'Hihihí', mas o meu irmão colocô o dedo na frente da boca e disse 'Psst!'. [...] 'Vambora', o meu irmão disse, e ele me pegô nas costa como tinha feito de tarde, e a gente se virô e olhô pras

criança na janela, e elas tavo com um olhar triste como se tivesse preste a chorá, sacomé, mas o meu irmão entende dessas coisa” (KEROUAC, 2017, p. 36-38).

Slim representa, desse modo, o mentor do herói, que, como explicam Santos e Chauvin (2014), irá orientar e acompanhar Pic ao longo da sua trajetória para auxiliar no enfrentamento dos obstáculos que terá pelo caminho, como explicado anteriormente. O convite feito por Slim para juntos deixar a Carolina do Norte e partirem para outra cidade se caracteriza como o primeiro limiar da jornada: ao aceitar ir embora dali com o irmão-mentor, supera o primeiro obstáculo da sua jornada, o de deixar para trás seu lugar de origem, o lugar onde cresceu.

O fato de Slim ser o seu mentor também fica mais evidente quando conforta Pic ao explicar que a vida que estava enfrentando até então não iria mais se prolongar em sofrimento e solidão, pois estaria sempre ao seu lado dali em diante, assim como o mentor deve fazer. Ao transmitir confiança para seu irmão, Slim deixa claro o seu papel:

‘Slim’, eu disse, ‘eu tô muito feliz por não tá mais na casa da tia Gastonia e não vô mais tê medo’. E eu olhei pra rua de onde a gente tinha vindo e disse pra mim meso, ‘Não, a Carolina do Norte já não tá mais aqui’ (KEROUAC, 2017, p. 62).

Ao contrário do que Santos e Chauvin (2014) definem como a próxima etapa da jornada do herói, o desafio principal de sua jornada virá somente após uma sequência de dificuldades (ou limiares), que continuam testando a determinação do herói. Após fugirem da casa da tia Gastonia durante a noite, precisam caminhar por um longo trecho que corta um bosque. E logo no início do caminho, quando estava sendo carregado nas costas do irmão, Pic pensa, ainda um pouco assustado em adentrar na aventura: “Achei que uma tempestade tava se armando pra me aquecê, porque pocas vez eu me senti tão bem como quando a gente se pôs a caminho” (KEROUAC, 2017, p. 39).

A partir do momento em que adentram as estradas rumo ao norte do país, subindo no primeiro ônibus do percurso, Pic já se sente melhor, apesar de seus primeiros receios, como exemplificado no trecho citado anteriormente. Ele está reconhecendo, subjetivamente, o modo como se sente pertencendo às estradas,

mudando desde esse momento as suas perspectivas em relação às suas viagens. Sobre esse aspecto, é importante retomar que é através das viagens percorridas pelas estradas e caminhos que os heróis beats se encontram consigo mesmos. Como Pic até esse momento ainda está apenas superando os primeiros limiares da jornada, o reconhecimento de que está adentrando o mundo ao qual realmente pertence estará se desenvolvendo paulatinamente.

Ao longo dos limiares que se seguem, as impressões que Pic narra sobre as diferentes paisagens que vê pelas janelas dos ônibus e das caronas que ganham demonstram como impactam a sua sensibilidade, sobretudo como se sente pertencente a esse novo modo de vida. Em uma das primeiras paradas que fazem, Pic logo se encanta com pequenos detalhes:

Acima da porta tinha uma roda girando num cartaz, e um pouco mais atrás dava pra ovi um barulho ao longe que soava como se fosse uma roda um pouco maior girando. Bom, acho que foi a *roda do mundo* que eu ovi. Não foi, vô? Ah, eu tava bem contente (KEROUAC, 2017, p. 46-47, grifos do autor).

Ao chegarem na cidade de Nova York, Pic relata suas impressões sobre o cenário, bem como descreve como isso o impacta:

Vô, eu não vô falá nada muito sobre o ônibus porque tinha um monte de coisa acontecendo em NOVA YORK, e eu não tinha a menor ideia a respeito da cidade naquele ônibus, e simplesmente fiquei pasmo, sacomé (KEROUAC, 2017, p. 49). Eu disse pra mim meso, “Pic, você tá indo pra *Nova York* agora, e é uma coisa e tanto, não?” e me orgulheci de mim meso e me senti bem (KEROUAC, 2017, p. 50, grifos do autor).

[...] e a gente olhô pela janela praqueles lindos campos verdes, e o Slim disse que aquele lugar era Maryland, e disse que queria tá sentado na grama tomando sol. Acho que todo mundo tava sentindo a mesa coisa. Vô, esse negócio de viajá não é a coisa mais simples nem a coisa mais agradável do mundo mas a gente vê umas coisa bem interessante e não olha mais pra trás (KEROUAC, 2017, p. 53-54).

Nos trechos citados, é evidente como o ato de estar presente em um novo lugar o transforma, inquietando algo em seu interior. A experiência de adentrar em uma cidade totalmente diferente daquela a que estava acostumado permite, desde o princípio, que se sinta livre para estar ali. Tal experiência, de chegar e ver a cidade grande pela primeira vez, o faz perceber que a estrada pode levá-lo para onde quiser, pois é assim que se adquire a liberdade beatnik.

Uma vez que os diversos limiares ao longo da obra acontecem em diferentes etapas da jornada de Pic, o seu mentor permanece o auxiliando por todo o seu percurso. Em outro trecho referente ao início da viagem, quando estão se dirigindo para a estrada mais próxima do bosque a fim de esperar por um ônibus, Pic reconhece que pode confiar no seu irmão mais velho, bem como vê-lo como uma inspiração:

Não tem *ninguém* que saiba pronde eu tô indo nessa coisa mas a partir de agora o meu irmão vai cuidar de mim (KEROUAC, 2017, p. 48, grifos do autor).

O Slim não sentia medo nenhum, e não se assustava dormindo nem acordado. Bom, eu amei ele demais naquele instante, e disse pra mim meso, 'Pic, cê não tinha nada que tê se assustado onte à noite quando ele apareceu lá pra te levá pelo bosque e disse que não era pra você tê medo. E agora, Pic, chegô a hora de você crescê pro Slim. Cê já *não é mais* um minino do campo (KEROUAC, 2017, p. 56, grifos do autor).

Em dado momento, quando já estão morando no apartamento de Slim e de sua esposa Sheila no Harlem, em Nova York, Pic percebe outra vez como a figura de seu irmão mais velho é inspiradora. No trecho da obra em que é narrado como Slim perde dois empregos em um único dia, Pic e Sheila estão em um bar para acompanhá-lo tocando saxofone e assim ganhar um pouco de dinheiro. Antes da apresentação principal começar, Slim toca algumas músicas de forma improvisada, junto de um pianista e um baterista. Vendo como ele se emocionava ao performar, Pic fica maravilhado: “Quando vi aquilo eu percebi como o Slim era forte, e também feito de ferro” (KEROUAC, 2017, p. 82).

Como explica Santos (2003), a musicalidade do jazz inspirou significativamente os autores beatniks, uma vez que a habilidade de improvisação e

transposição de sentimentos dos musicistas influenciou a forma de escrever dos beat: vendo seu irmão ousar enquanto improvisa tocando saxofone, Pic assimila a libertação da música com a sua dali em diante, como sendo mais uma forma de inspiração. Enquanto ouve seu irmão tocar, a atmosfera do lugar se transforma por um instante, e Pic se sente imerso nesse ambiente tão característico da cena beatnik.

Pic é ajudado pelo irmão em diversos outros momentos importantes da jornada, dentre eles o de quando o leva para passar o dia em um parque enquanto tenta encontrar algum emprego, e também quando conversam sobre a linha Mason-Dixie (que separava os estados do norte e do sul dos Estados Unidos em livres e pró-escravidão) e o que ela significa para suas próprias histórias. É nesse trecho em que Pic expressa seu ímpeto de adentrar em uma jornada pelas estradas: “O motorista que tava dirigindo o ônibus voltô e disse ‘Todos a postos para a viagem a NOVA YORK’ e como eu já disse quando falei sobre *viajá* e não olhá mais pra trás, a gente andô *pra frente*” (KEROUAC, 2017, p. 55, grifos do autor).

Após poucos dias morando em Nova York com seu irmão, Pic enfrenta mais uma etapa importante da sua trajetória. Como a situação de Slim e sua esposa não está favorável em relação ao seus empregos e terem que cuidar de Pic também, passam a se questionar sobre a possibilidade de se mudarem para o outro lado do país, para a Califórnia. Lá mora uma irmã de Sheila, e logo se empolgam com a ideia de lá ser uma “terra de oportunidades” para os três.

Por não terem dinheiro suficiente para viajarem juntos de ônibus até a Califórnia, decidem que Sheila irá na frente, pois está grávida e sabe onde sua irmã mora, e poderá ir procurando uma casa para os três alugarem. Dessa forma, Pic e Slim precisam intercalar trechos da viagem entre pedidos de carona ou de ônibus, assim como continuar superando todos os demais limiares e incertezas da estrada dali em diante.

É em dada parte da segunda viagem que Pic e seu irmão encaram a etapa definida por Santos e Chauvin (2014) como um sacrifício que o herói precisa superar. Na metade do caminho, encontram uma igreja e o padre responsável por ela precisa de alguém para realizar serviços gerais em troca de abrigo e um salário justo por um mês. Desse modo, os irmãos precisam aceitar que adiem a sequência da viagem para terem condições melhores de chegar até o outro lado do país.

Em dado momento nesta igreja, enquanto Slim fazia serviços de concertos, Pic se aproxima do palco, impulsionado pela vontade de cantar, se sentindo inspirado pelo ambiente. O padre o incentiva a se juntar ao coral, uma vez que reconhece que a sua voz soa como a de um anjo:

[...] Escute, Jackson Picture, você não gostaria de subir e cantar no coro? Qual é a sua canção favorita? Vô, eu disse que era *Pai-Nosso*, a Lulu ia tê chorado se me ovisse cantando aquilo na varanda. E aí o pastor McGillicuddy me levô pro CORO, e me colocô ao lado do home que tava com as mão nas tecla do ÓRGÃO. Vô, eu assoviei e senti até vontade de tá com a minha gaita de boca, e o pastor cantô e disse que eu tinha a voz dum anjo (KEROUAC, 2017, p. 124, grifos do autor).

Após esse período superando o último limiar de sua jornada, quando cumprem o mês de trabalho na igreja, os irmãos possuem finalmente dinheiro suficiente para comprar as duas passagens de ônibus e seguir até a Califórnia. O modo como Pic continua descrevendo seus sentimentos e impressões ao viajar permanece demonstrando a sua alegria de estar indo em direção ao seu destino, com uma sensibilidade única, mantida ao longo de toda a sua trajetória:

[...] então a gente recebeu nossos cem dólar e pegamo o ônibus que tinha a figura dum cachorro azul no lado, chamado Greyhound, e fomos piuzando por Ohio até o Nebraska, [...]. E de repente a neve acabô. Ovi um otro senhor atrás de mim dizê “Eu quero voltar para Oroville e deixar a poeira baixar”. E a gente já tava no vale do Sacramento, vô, e logo a gente viu os varal da Sheila com ropa limpa secando nos prendedor, balançando dum lado pro otro plift-plaft (KEROUAC, 2017, p. 125).

Quando está chegando ao final da jornada é que Pic assimila os conhecimentos adquiridos e consegue finalmente seguir em frente, compreendendo e assumindo sua personalidade beatnik. Aprende, sobretudo, que foi através das viagens pelas estradas que conseguiu alcançar seus objetivos, assim como o herói beat deve fazer. Desse modo, compreende que é através das suas experiências que passa a se sentir pertencente ao seu próprio mundo, assim como percebe o que um herói beat deve experimentar para alcançar seu principal objetivo - a liberdade. O modo como enfrenta sua trajetória demonstra que, assim como o verdadeiro herói

beat, aceita viver sua vida ao máximo, experimentando todas as possibilidades que somente a estrada pode propiciar.

6 Considerações finais

Jack Kerouac apresentou na obra *Pic - uma novela* a história de Pictorial Review Jackson, que parte da Carolina do Norte até Nova York, e posteriormente até a Califórnia, em busca da sua liberdade. Kerouac traduz a essência do herói beatnik para a narrativa, que, elaborada a partir do olhar do personagem que ainda é criança, demonstra com sensibilidade o impacto da vida nas estradas, e sobretudo, como compreende ser um beatnik através dessa personagem.

Pic representa o herói beat por sumarizar a ideologia beatnik da época em que Kerouac escreveu a obra como forma de representar o que os detentores da liberdade eram capazes de alcançar, descobrindo, sobretudo, a sua força interior (CHAVES JÚNIOR, 2013). Eis, mais uma vez, a necessidade de nomear o que a personagem de Kerouac representa: o herói beat, que simboliza também a representação de um herói baixo, nos termos de Kothe (1987), e marginal, conforme Brunieri e André (2015).

A fim de compreender como se estabelece a constituição do herói beat, fez-se necessário retomar os conceitos de personagem-narrador, herói e literatura beatnik. Um dos principais aspectos da narrativa a ser retomado é o de *Pic* ser um monólogo interior, que, de acordo com Brait (1993), permite ir mais longe na expressão da interioridade da personagem, pois o leitor se instala no fluir dos pensamentos da personagem, conduzindo suas ações e interpretações.

Pic tem sua história contada de acordo com as etapas da trajetória do herói definidas por Santos e Chauvin (2014): inicialmente, vive em seu mundo comum, representado pela época que está acompanhado de seu avô até o momento em que o homem adocece e os dois são separados. Neste momento, *Pic* possui apenas o potencial para se tornar um herói, ainda não o é. Quando é deslocado do seu mundo comum, *Pic* enfrenta dias difíceis na casa da tia Gastonia, até o momento do arauto, quando seu irmão mais velho, Slim, o convoca para partirem dali e serem livres juntos. Os autores explicam que o arauto (que na narrativa se constitui como o “convite”) comumente é feito pelo mentor do herói, como de fato acontece na obra,

quando Slim (o mentor) evoca Pic para irem embora e cair na estrada.

Santos e Chauvin (2014) explicam que após o chamamento ser aceito, o personagem irá enfrentar uma série de limiares, ou seja, desafios. Ao longo de *Pic - uma novela*, como foi apresentado ao longo desta pesquisa, são várias as dificuldades que o menino precisa superar, desde deixar para trás seu lugar de origem, não ter certeza se terão dinheiro para se manterem, saber se estão indo na direção correta e como conseguir carona. Os limiares na trajetória de Pic são superados com a ajuda do seu mentor, que o auxilia com sua sabedoria e dá apoio ao longo de toda a jornada.

É após superar todos os limiares que Pic assimila os saberes adquiridos para tornar-se o herói, e tais conhecimentos correspondem àqueles que a essência do modo de vida beatnik diz respeito: é através das viagens percorridas pelas estradas do país que se encontra consigo mesmo. Como afirmam Brunieri e André (2015), a rebeldia mística dos heróis beats permite assimilar saberes que tornam a sua marginalidade santa. Pic não se prende ao materialismo da sua época, muito influenciado pelo seu irmão e mentor, e seu modo de expressão é “um reflexo das experimentações no plano da vida” (SANTOS, 2003, p. 2).

A densidade simbólica de cada etapa da trajetória de Pic possui características próprias da literatura beat, desde a prosódia bop no fluir de pensamentos com que narra suas aventuras, até as motivações que inspiram os personagens, assim como aconteceu com o próprio autor. Kerouac compõe o personagem de modo que a essência beat esteja clarificada do princípio ao fim da sua trajetória, pois se atentou para compreender o movimento ao qual fez parte como figura principal. O autor também se distanciou dos modelos fixos literários para aproximar o escrito do vivido, assim como fez quando ele mesmo, alguns anos após escrever *Pic - uma novela*, viajou de carona por todo o país em busca das mesmas respostas que Pic.

A santificação (BRUNIERI; ANDRÉ, 2015) do herói beat ao longo da obra ocorre através da experiência na estrada, pois é assim que conquista sua liberdade e compreende a sua essência. Assim como Kerouac, seus personagens não tinham nada a perder, e Pic supera todas as etapas da sua trajetória para se tornar o herói beat, alcançando a liberdade enquanto viaja pelas estradas do país. Desse modo compreende-se que Kerouac pôde desenvolver a trajetória do personagem-narrador

por pretender viver a mesma experiência e a representando em *Pic - uma novela*, inspirando posteriores beatniks (literários ou literais) a seguirem seus passos em viagens cujo destino é a liberdade. A trajetória de Pic apresenta os aspectos essenciais da trajetória de um herói beat, pois ao deixar para trás seu mundo comum foi desafiado a superar uma série de dificuldades, contando com o apoio de um mentor para, ao final da história, alcançar seu principal objetivo - cair na estrada em busca da liberdade.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2012.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1993.

BRINKLEY, Douglas. **Os diários de Jack Kerouac: 1947-1954**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2006.

BRUNIERI, Rômulo Vinicius; ANDRÉ, Willian. Marginais santificados: o misticismo do marginal na obra de Jack Kerouac. *In: COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS: diálogos e perspectivas*, 9. 2015, Londrina, PR. **Anais [...]**. Londrina, PR, 2015.

Disponível em:

http://www.uel.br/eventos/estudosliterarios/pages/arquivos/Romulo%20Vinicius%20Brunieri_texto%20completo.pdf. Acesso em: 17 set. 2021.

CHAVES JÚNIOR, Wander Wilson. Geração beat: uma arte entre amigos.

Ponto-e-vírgula, n. 12, p. 219-238, 2013. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/12750/12317>.

Acesso em: 15 nov. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo:

Atlas, 2002. GREENLANE. **Você conhece a história fascinante da linha**

Mason-Dixon? 2020. Disponível em:

<https://www.greelane.com/pt/humanidades/geografia/mason-dixon-line-1435423/>.

Acesso em: 11 nov. 2021.

HOMES, A. M. Introdução. *In*: KEROUAC, Jack. **Geração beat**. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2013.

KEROUAC, Jack. **Geração beat**. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2013.

KEROUAC, Jack. **Pic** / Jack Kerouac; tradução Guilherme da Silva Braga. - Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

KOTHE, Flávio R. **O herói**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1992. ROYOT, Daniel. **A literatura americana**. São Paulo: Ática, 2009.

SANTOS, Lucas Moreira dos. Beat Bap Bump! Bebop! Digg it?? Ensaio com os beatniks. A musicalidade jazzística de uma poética espontânea. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 5, dez. 2002/mar. 2003. Disponível em: http://www.urutagua.uem.br/005/01let_santos.htm. Acesso em: 22 out. 2021.

SANTOS, Robson Rodrigues dos; CHAUVIN, Jean Pierre. A jornada do herói como vivência, e não como narrativa. **Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura**, v. 4, n. 1, dez. 2014. p. 64-115. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-jornada-do-heroi-como-vivencia-e-nao-como-narrativa>. Acesso em: 20 set. 2021.



UNIVATES

R. Avelino Talini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95914.014 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09